

Um lugar em que a vida é só o mínimo

Nas creches de Samambaia, as crianças se acostumam desde cedo a uma vida de pouca coisa enquanto as mães saem para trabalhar

Fredson Charlson
Da equipe do **Correio**

Brincando no escorregador, correndo alucinadamente pelos corredores, montando quebra-cabeças, aprendendo palavras com as tias, comendo, comendo, comendo. Com o eterno olhar de sofrimento (mas um imenso brilho de felicidade), filhos e filhas de mães solteiras, carentes, empregadas domésticas, diaristas, não entendem porque têm que viver um cotidiano de pobreza, dor, quase desespero. Inocentes, só querem saber de aprender o alfabeto, brincar e comer. O mínimo.

Em Samambaia, centenas dessas crianças passam o dia alojadas em creches enquanto as mães ganham o mundo atrás da sobrevivência e da criação dos filhotes. E as mães, claro, dão graças a Deus. (Existem 12 creches na cidade, segundo dados do Centro de Desenvolvimento Social de Samambaia, do primeiro semestre de 1998. O CDS prepara novo levantamento em abril.)

Nas creches, as crianças não ficam órfãs. Pelo contrário, recebem — além de educação, alimentação e lazer — o imprescindível carinho das monitoras e assistentes sociais. As mulheres entregam-se, em muitos casos, de maneira voluntária ao trabalho e nunca perdem o reboledo com o choro ou a bagunça. O amor é total.

O sentimento é repetido em lugares como a Creche Ação Social Paula Franssinetti, Creche Nossa Senhora Mãe dos Homens, Assistência Social

Casa Azul, Associação Comunitária Afma e Creche Associação Maria de Nazaré. Ali, em lugares de clima familiar e balbúrdia, pode faltar tudo. Menos carinho.

“A nossa creche sempre contou com um grupo de dez voluntários aposentados e funcionários públicos que colocam os próprios salários em função das crianças. Nossos gastos chegam a R\$ 4 mil por mês. Mas o trabalho é feito com força de vontade”, confessa a professora Sônia Maria Feitosa, 40 anos, diretora da Creche Associação Maria de Nazaré, fundada em 21 de outubro de 1990.

A creche tem trinta crianças entre dois e seis anos de idade, que recebem, cada uma, uma ajuda de R\$ 1,098 por dia. O dinheiro — que vem do Fundo de Assistência Social e que está atrasado desde dezembro — co-

bre 1/4 das despesas da creche, que prioriza filhos de mães solteiras. As crianças são assistidas por cinco funcionárias e fazem quatro refeições por dia. (Sorte de Vitória Cardoso, três anos, que chegou ali em grave estado de

desnutrição e que, felizmente, recupera-se aos poucos.) Para colocar os filhos na creche, as mães precisam provar que trabalham e que recebem até dois salários mínimos mensais. E só. No mais, Sônia, os voluntários e as funcionárias recebem os baixinhos de braços abertos, apesar das dificuldades. A Creche Associação Maria de Nazaré chegou a abrigar 55 crianças no ano passado. Algumas crianças estouraram o limite de idade, outras mudaram-se.

Fotos: Wanderlei Pozzembom 11.3.99



Tames e Wesley têm espaço para brincar na Casa Azul, que tem que pedir empréstimo para pagar os funcionários

Criatividade é a palavra de ordem do lugar. Na creche, que até 1993 funcionava em uma casa de Ceilândia, é levada uma variação da Lei de Lavoisier (francês fundador da química moderna, que viveu entre 1743 e 1794). Nada se perde, nada se cria. Tudo se transforma. As portas velhas viram mesas. A madeira gasta se transforma em divisórias e armários. Gavetas se fazem de lixeiras. Sucata adquire tons de um colorido playground. “Realizei uma vontade de infância de melhorar a situação das crianças”, felicita-se a professora, preocupada com as contas pendentes de gás, papelaria, farmácia e padaria.

PROBLEMA EM COMUM

As dívidas em forma de notas fiscais, notas promissórias, cheques pré-datados, acumulam-se nas mesas dos responsáveis pelas creches.

Se a comida e o carinho não faltam às crianças é graças ao trabalho dessas abnegadas pessoas capazes de tirar do próprio bolso para custear as despesas com a molecada. Ou sair às ruas e praticamente mendigar por auxílio de pessoas de bom coração.

É o que acontece na Assistência Social Casa Azul. A creche pode abrigar 200 crianças, mas só está com 120 vagas preenchidas. Culpa da falta de dinheiro. “Se fosse por nós não estaria sobrando vagas. O pessoal pede direto para deixar as crianças aqui. A cidade é carente, a maioria das famílias tem cinco, seis filhos”, conta Maria da Penha Rocha, 49, administradora da creche fundada em 1989.

As 120 crianças de zero a seis anos e 11 meses fazem quatro refeições por dia das 7h às 19h e são cuidadas por 27 funcionários. Quando completam sete anos são transferidas

para o Caic da cidade. “Precisaríamos atender as crianças depois desse período”, diz a assistente social, Cristiane Lopes Magalhães, 26. “O Centro de Desenvolvimento Social tem filas de mães aguardando vagas para colocar os filhos, mas a gente não tem condição de recebê-los. A situação está difícil. Sempre precisamos de doações.”

É verdade. O último dinheiro vindo da Fundação de Serviço Social chegou na época do último Natal. Depois, não apareceu mais. O pagamento dos funcionários tem sido feito graças a um empréstimo feito com um membro da Comunhão Espírita que ajuda a creche. Resta aos funcionários da Casa Azul fazerem tortas, feijoadas, galinhadas, rifas e o que mais conseguirem inventar para arrecadar dinheiro para os gastos com saúde e material permanente.

Filhos de lares destruídos

E as crianças precisam mesmo de ajuda. Elas têm uma história de vida de famílias desajustadas, pais separados — que não reconhecem a paternidade —, desempregados e alcoólatras. Caso dos irmãos Wesley Machado Soares, cinco anos, e Tames Machado Soares, quatro, que estão na Casa Azul desde 1996.

O que eles mais gostam além de comer? Brincar, desenhar e pintar. Filhos de uma empregada doméstica, mãe solteira, eles sonham — em seus desenhos — com uma casa “bem grandona”, azul, cheia de flores e iluminada por um sol amarelo. “Nossa casa é pequenininha. E nem é pintada. É pobrezinha”, reclama, entristecida, a alegre Tames, antes de pular no playground, outra de suas diversões.

A instituição tem encontrado dificuldades com o repasse do dinheiro do governo. No ano passado, a Casa Azul fazia um trabalho complementar ao horário escolar com 150 crianças e adolescentes de 7 a 14 anos. Os meninos tinham direito a um lanche e acompanhamento escolar em convênio com o Projeto Candanguinho. “A verba era federal e o trabalho foi interrompido. Depois dos seis anos, a criança é praticamente jogada na rua. Justamente quando mais precisa de ajuda”, diz a bancária Daise Lourenço Moisés, 46, presidente da instituição fundada em 1989.

“Com a mudança de governo, os atrasos geralmente acontecem. A gente acompanha o atendimento, mas quem repassa os recursos é a Secretaria de Serviço Social”, conta Dorete Lúcia Mota, 47, técnica executora dos convênios de creche da FSS. Dorete considera o atendimento das creches de boa qualidade. É uma das exigências do CDS que seja prestado toda a assistência em relação à criança e à família. Seis instituições do gênero são acompanhadas pelo CDS. Nenhuma está com problemas de funcionamento e infra-estrutura.